



A guerra cultural e os delineamentos de uma dinâmica reacionária na conjuntura brasileira recente¹

The culture war and the outlines of a reactionary dynamic in the recent brazilian conjuncture

Celso Gabatz²

Resumo: Esta análise busca desvelar questões presentes na conjuntura brasileira, na perspectiva das tensões decorrentes de uma guerra cultural e suas implicações no âmbito das sociabilidades. Por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental a partir do levantamento de referências teóricas já publicadas, o artigo traz à tona as críticas feitas ao “marxismo cultural” em suas ligações com a governança brasileira. A despeito de uma noção epistemológica bastante simplória acerca da decadência moral da sociedade, a retórica alarmista adquire êxito ao amalgamar uma coesão social estratégica. Os resultados apontam que as questões sublinhadas na abordagem conseguem amplificar elementos que evocam performances em favor de uma ordem moralista.

Palavras-chave: Guerra Cultural. Reacionarismo. Ideologia. Medo.

Abstract: This analysis seeks to unveil issues present in the Brazilian context from the perspective of the tensions arising from a cultural war and its implications for sociability. By means of a documentary bibliographical survey based on published theoretical references, the article brings to light the criticisms made of “cultural Marxism” in its links with Brazilian governance. Despite a rather simplistic epistemological notion of society's moral decay, the alarmist rhetoric succeeds in amalgamating strategic social cohesion. The results show that the issues highlighted in the approach manage to amplify elements that evoke performances in favor of a moralistic order.

Keywords: Cultural War. Reactionaryism. Ideology. Fear.

¹ Este artigo foi recebido em setembro de 2024 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme a política editorial, sendo aprovado para publicação em novembro de 2024.

Contribuição resultante de investigação desenvolvida no âmbito do Projeto de Pesquisa financiado pelo CNPq, número 404939/2021-0 (“Religião, Política e Teologia no Espaço Público”), instituição à qual agradecemos o financiamento.

² Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), bolsista PDJ com apoio do CNPq. Doutor em Ciências Sociais, mestre em História e graduado em Teologia, Filosofia e Sociologia. Professor colaborador junto ao Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) da Faculdades EST, São Leopoldo-RS. E-mail: gabatz12@hotmail.com.



Introdução

A exaltação em torno daquilo que se entende como cultura e a retórica do ódio passaram a ser temas recorrentes na realidade brasileira recente. O pano de fundo dessa situação converge para uma necessidade de destruir inimigos que teriam inventado o que passou a ser compreendido como “marxismo cultural”.³ A teoria crítica, o pensamento dialético, os ideais emancipatórios ou progressistas, as teorias vinculadas aos movimentos contra o racismo, o machismo e a homofobia, em última análise, serviriam a um propósito ardiloso de promover a inversão de valores essenciais à sociedade. A guerra cultural não se consolida apenas como embate de ordem política ou em questionamentos aos princípios que salvaguardam a democracia. Busca-se acentuar um sentimento que confunde o público com o privado e que, não raro, é legitimado pela violência contra adversários vistos como inimigos a serem aniquilados, simbolicamente e, se necessário for, até fisicamente.⁴

Nesse horizonte, a cultura adquire uma relevância política estratégica para a defesa e o aprofundamento da democracia substantiva, aquela que luta contra as desigualdades, promove o reconhecimento dos grupos explorados, assegura e amplia direitos, sejam eles econômicos, sociais, políticos, ambientais, religiosos ou culturais. A linguagem do ódio adota um tom alarmista que, aliada à disputa cultural, adquire êxito ao amalgamar uma coesão social capaz de resistir a uma realidade que se encontre em rota de colisão.⁵

A inimizade se torna emblemática. Há uma espécie de paranoia promovida por certos grupos em guerra contra as instituições: as universidades, o conhecimento, a mídia, as ciências e as artes. Instaura-se uma visão de mundo marcada pela negação de certas expressões. A violência verbal

³ O “marxismo cultural” vem sendo utilizado como referência para uma profusão heterogênea de tendências vistas como progressistas: pós-estruturalismo, feminismo liberal, movimentos pela liberação sexual, entre outros. É, em geral, apresentado de forma caricatural, vulgarizada, propagandista e, não por acaso, situado no amplo espectro do marxismo. (DA SILVA, Wellington Teodoro.; SUGAMOSTO, Alexandre.; ARAUJO, Uriel Irigaray. O Marxismo Cultural no Brasil: Origens e Desdobramentos de uma teoria Conservadora. *Revista Cultura & Religião*. Universidad Arturo Prat, Chile. Vol. XV, Nº 1, 2021, p. 180-222).

⁴ AIRES, José Luciano de Queiroz. “Gramscismo Cultural”: a ideologia neofascista brasileira. *Revista História & Luta de Classes*. Ano 16, Vol. 30, set. 2020, p. 13-29.

⁵ ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Caminho, 2021.



adquire uma função pedagógica, e as ameaças podem ser amplificadas sob os signos do medo.⁶ Trata-se de um discurso bastante simplório e genérico, que vai sendo (de)marcado pela publicidade em torno da decadência moral da sociedade.

Interessa, nesta abordagem, a compreensão de questões que fazem parte dos processos pelos quais a democracia brasileira engendrou um estado de exceção e hoje se apresenta como uma espécie de *significante vazio*⁷ de um regime autoritário, envolvendo o poder judiciário, o poder legislativo, o poder midiático e o religioso. Busca-se observar os contornos de uma realidade que se desenha dentro do escopo neoliberal. Percebe-se, nessa direção, que os pressupostos ideológicos são uma espécie de véu que acoberta interesses. O resultado é um discurso de ódio e desinformação com alto poder emocional, cotidianamente ofertado às massas.

As possíveis facetas de uma guerra cultural

A “guerra cultural” eclode em razão das contradições sociais e culturais pelas quais o mundo e, em particular, o Brasil passam. As lutas pelos direitos civis, pelos direitos das mulheres, pela livre expressão das sexualidades e em favor da proteção ao meio ambiente transformaram a ação política de forma profunda. Os processos de descolonização também alteraram dramaticamente o conteúdo das políticas progressistas, incorporando novos movimentos e agentes e fazendo emergir novas subjetividades na cena pública.

Nos últimos anos, a perspectiva sobre a igualdade ultrapassou o universo do trabalho e avançou para outras áreas. O privado passou a ser, em sentido mais amplo, também público. A natureza das lutas políticas dos movimentos antirracistas, feministas, LGBTQIA+ e ambientalistas alterou a dinâmica de diversas instituições sociais, como as universidades, as famílias, as igrejas e até mesmo as relações interpessoais, que ganharam feições plurais. Não foi algo simples a

⁶ TEITELBAUM, Benjamin. *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas: UNICAMP, 2020.

⁷ *Significante vazio* faz convergir múltiplos significados em um mesmo discurso a ponto de se perder o sentido inicial pelo excesso de predicados incorporados e assim provocar forte adesão para um conjunto vasto e variado de indivíduos. O que estabelece a unidade não é algo positivo que as pessoas partilham, mas, a oposição a um inimigo comum (LACLAU, Ernesto. *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas, 2013).



incorporação de novos movimentos e reivindicações nas plataformas políticas. Aos poucos, percebeu-se que as demandas desses grupos haviam se incorporado aos dilemas do cotidiano.⁸

Wendy Brown, em seu livro *Nas ruínas do neoliberalismo*,⁹ propõe o diagnóstico de que a ascensão atual dos movimentos de direita e extrema-direita poderia ser explicada pelos efeitos corrosivos do neoliberalismo sobre as democracias do Ocidente. Para a autora, esses movimentos surgem a partir das ruínas deixadas pela hegemonia neoliberal, sobretudo a partir do final do século XX. Brown entende que o neoliberalismo não seria apenas uma forma de organizar as relações econômicas, mas também se caracterizaria por uma racionalidade política capaz de definir formas específicas de governo e modos de socialização e individualização dos sujeitos. Por conta disso, ela busca contribuir para a análise dos elementos e, por conseguinte, dos efeitos dessa racionalidade neoliberal, com o objetivo de melhor compreender os ataques feitos à democracia, substituindo os valores de justiça social e igualdade em prol de uma pretensa moralidade.

Em 1991, o sociólogo norte-americano James Davison Hunter lançou um livro intitulado *Culture Wars: The Struggle to Define America*.¹⁰ A tese central da obra estava calcada na ideia de que a divisão política havia sido alterada nos Estados Unidos. Ele afirmava que estava se consolidando uma divisão da sociedade estadunidense em torno de temas como o direito ao aborto, o porte de armas, a participação das igrejas no âmbito do Estado, a legalização do uso de entorpecentes e o direito ao casamento para grupos LGBT. Assim, a polarização ideológica havia transformado os horizontes sociais e culturais, fazendo com que posicionamentos ideológicos sobre temas sensíveis ganhassem protagonismo na disputa dos rumos do país.

A partir da leitura proposta por James Davison Hunter, os temas econômicos, que haviam dominado as disputas políticas por muito tempo, agora não possuíam a mesma predominância no debate público. Outras questões acabariam por dividir as opiniões e seriam de importância equivalente aos temas econômicos. O que definiria a disputa política seria, na visão do autor, a batalha crescente pelo controle das instituições sociais e culturais entre grupos conservadores e progressistas. A análise de Hunter gradualmente se converteu em plataforma política para os

⁸ GARRAIO, Júlia; TOLDY, Teresa. “Ideologia de Gênero”: origem e disseminação de um discurso antifeminista. *Mandrágora*. Vol. 26, n. 1, 2020, p. 129-155.

⁹ BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. São Paulo: Politéia, 2019.

¹⁰ HUNTER, James Davison. *Culture wars: the struggle to define America*. Nova York: Basic books, 1991.



setores mais conservadores ou reacionários, que consideravam estar em curso, efetivamente, uma “guerra cultural” nos Estados Unidos e, por extensão, no mundo.

Houve uma apropriação política do livro de James Hunter por diversos setores da direita neoconservadora. Essa ação serviu à instrumentalização não apenas de uma visão de mundo, mas de inúmeras estratégias e ações políticas. A leitura dos conflitos acabou sendo simplificada por meio de um ideário conhecido como “guerra cultural,” para o qual era necessário um ativismo opositor. Para esses setores, cada demanda progressista precisava ser combatida em nome das tradições que definiam as bases da sociedade americana.

Preservar a família tradicional, o casamento heterossexual, a hierarquia patriarcal e a desigualdade racial seriam as tarefas primordiais. Isso significava também um combate às instituições que poderiam fomentar perspectivas progressistas e a transformação social por meio da ampliação dos direitos civis, do reconhecimento das identidades e da inclusão social. Os debates públicos passam a ser mediados por uma lógica moral e religiosa que eclipsa outras questões públicas sobre economia, saúde e educação.¹¹

Na esteira das questões suscitadas por James Hunter, o sociólogo britânico Anthony Giddens publicou uma obra importante que permite ampliar entendimentos: *Transformação da intimidade*.¹² Em sua abordagem, ele aponta para uma reconfiguração das relações amorosas e interpessoais em curso no Ocidente. Giddens entende que as sexualidades, a afetividade, as amizades e as relações amorosas entre pais e filhos ganhariam aspectos mais porosos. Esse movimento renovador das subjetividades seria inevitável e irresistível. O trem das mudanças de conduta e dos comportamentos estaria passando, e quem não embarcasse seria, inevitavelmente, deixado para trás ou, pior, atropelado.

É primordial perceber que, progressivamente, a “guerra cultural” avançou para se converter em uma estratégia de setores reacionários para a conquista do poder. É preciso destacar que, a despeito das muitas pautas debatidas, há, por óbvio, um contexto que favorece a adesão. No caso do Brasil, trata-se, sobretudo, do aumento exponencial das desigualdades sociais promovidas pelo neoliberalismo. Em um país onde o fosso entre pobres e ricos é gigantesco, as narrativas que

¹¹ HUNTER, 1991, p. 49.

¹² GIDDENS, Anthony. *Transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.



buscam responsabilizar os intelectuais, as políticas de igualdade de gênero e a equidade racial pelos males da classe trabalhadora tornaram-se apelativas e engendraram as condições para cativar cada vez mais adeptos.¹³

O que produz o material para a nova direita contemporânea e para práticas de extremismo político é mais o medo do que a esperança, o pânico moral [...], mais do que a agenda política, o ódio mais do que um projeto de edificação de ordem, o ressentimento mais do que a solidariedade e a luta por justiça.¹⁴

As ideias difundidas no Brasil se moldam no debate público nacional a partir de elementos próprios de nossa história e conjuntura. Percebe-se um esforço para a divulgação de ideias neoconservadoras estadunidenses, em sintonia com uma plataforma capaz de absorver certas peculiaridades da identidade brasileira.¹⁵ Nesse processo, é fundamental observar a atuação de figuras controvertidas, como o autoproclamado filósofo e professor Olavo de Carvalho, falecido recentemente.

[...] duas teorias conspiratórias, constitutivas da visão de difundida pelo escritor Olavo de Carvalho e que lhe servem de referência: A primeira é a teoria da hegemonia esquerdista no mundo, que postula que os valores da esquerda teriam se espalhado pela sociedade e pelas instituições e dominariam o planeta. [...] A segunda teoria é a do globalismo, que denuncia uma elite global que controlaria o mundo com base em seus valores.¹⁶

Carvalho acreditava existir uma hegemonia no campo das ideias à esquerda com o objetivo de minar a cultura ocidental. Suas posições, marcadas pelo extremismo, certamente ajudaram na promoção de inúmeras teorias conspiratórias, distorções epistêmicas e os atuais negacionismos. Suas posições eram caracterizadas pela simplificação de conceitos e teorias, bem como pela normalização da ignorância através de discursos de ódio e uma linguagem simplória que engendrava o medo e a repulsa.

Quase toda a obra de Olavo é uma tentativa de negar a complexidade do mundo. Por trás de seus textos estruturalmente sofisticados, há ideias bem simples. Ele quer voltar no tempo, para um mundo que ele fosse capaz de entender: onde só há dois sexos (e não me venha com gênero), Newton basta (sem as incertezas e as heresias da relatividade e da física quântica), preocupar-se com o clima é assunto para São Pedro e todo mundo

¹³ AVRITZER, Leonardo. *Política e antipolítica: a crise do governo Bolsonaro*. São Paulo: Todavia, 2020.

¹⁴ GHERMAN, Michel. Bolsonarismo e a extrema direita no Brasil: uma reflexão sobre origens e destinos. In: CUNHA, Christina Vital da.; PAULA, Marilene de. (Org.). *Religião, Democracia e a Extrema Direita*. Heinrich Böll Stiftung: Rio de Janeiro, 2023, p. 60.

¹⁵ SOUZA, Jessé. *A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade*. São Paulo: Estação Brasil, 2018.

¹⁶ VALLE, Vinícius do. Ideologia, perspectivas e as bases do bolsonarismo. *Le Monde Diplomatique*. São Paulo, n. 165, abr. 2021, p. 6.



que não é bom é mau, e vice-versa. Um mundo cristão, de cultura clássica, sob o comando de quem parece estar no comando — melhor se for alguém bem autoritário.¹⁷

O arcabouço articulador das pautas do ideólogo se consolidou por meio de um grande alargamento conceitual acerca daquilo que se entende por “esquerda” e, por extensão, por “comunismo”. Houve um apelo para colocar a desconstrução de ambos no centro do debate político, em um contexto ainda refratário à Guerra Fria. Para Carvalho, o mundo estaria a reboque dos princípios comunistas, que teriam criado o politicamente correto para ampliar, sobremaneira, os conflitos.

A difusão de uma linguagem própria e vagamente conceitual; a disseminação da retórica do ódio como forma de desqualificar adversários; o palavão como argumento de autoridade; a reconstrução revisionista da história da ditadura militar; a identificação do comunismo como inimigo eterno a ser eliminado uma e outra vez (e sempre de novo); a presunção de uma ideia bolorenta de alta cultura; a curiosa pretensão filosofante; a divertida veneração pelo estudo de um latim sem declinações e pelo desconhecimento metódico de um grego, grego de fato; a elaboração de labirínticas teorias conspiratórias de dominação planetária; a adesão iniciática a um conjunto de valores incoerentes; a utilização metódica da verve bocagiana, aqui reduzida a três ou quatro palavrões e a dois verbos — bem entendido: ir e tomar.¹⁸

Trata-se de uma lógica que, em sentido plural, supõe um sistema de crenças firmado no ressentimento, com impulsos esquizofrênicos. Uma narrativa que, à sua maneira, tende a ser bastante ficcional, mas que direciona a sua interpelação para objetos e pessoas reais. Não por acaso, o protagonismo de Olavo de Carvalho engendrou um discurso que acabou potencializando uma crítica exacerbada aos movimentos sociais e reafirmando o negacionismo climático, uma desvalorização das universidades e das ciências, o questionamento aos direitos humanos e o ataque às mulheres, populações indígenas, negras e aos movimentos LGBTQIA+.

Os delineamentos de uma dinâmica reacionária no Brasil recente

O “marxismo cultural” seria o equivalente direto ao “politicamente correto”. Compreendido pelas forças reacionárias como uma interdição da liberdade de expressão pública de opiniões sexistas, homofóbicas e racistas, enquanto estratégia para a imposição das concepções progressistas

¹⁷ BERGIERMAN, Denis. O que aprendi com Olavo. *Revista Época*. Rio de Janeiro, n. 1.080, 14 mar. 2019. Disponível em: <https://epoca.globo.com/o-que-aprendi-com-olavo-23521309>. Acesso em: 25 jan. 2024.

¹⁸ ROCHA, 2021, p. 71-72.



na sociedade. Trata-se de um espantalho a ser combatido. Emitir opiniões racistas, sexistas e homofóbicas passa a ser um ato de rebeldia.¹⁹

Outro espantalho criado pelos ideólogos conservadores e que se alinha com o “marxismo cultural”, a ideia de “ideologia de gênero”,²⁰ é igualmente potencializada. De acordo com a percepção reacionária, a “ideologia de gênero” seria um instrumento para (re)afirmar a inexistência do sexo biológico e induzir à prática da homossexualidade entre as crianças. Um delírio que nada tem a ver com os fundamentos epistemológicos que norteiam os estudos de gênero, mas que representa uma arma ideológica poderosa para o amplo espectro dos fundamentalismos religiosos.²¹

A partir de concepções distorcidas como o “marxismo cultural”, grupos reacionários avançam contra os estudos culturais e científicos em uma luta para tutelar as pesquisas nas universidades, o ensino nas escolas e o repertório das exposições artísticas. Há uma crescente criminalização de investigações sobre temas concernentes às desigualdades de gênero, raça e sexualidades como estruturantes da sociedade. Como ato contínuo, esses grupos ganham representação política, e as teorias exacerbam maior materialidade em relação às políticas públicas que buscam cercear a livre expressão das diversas manifestações identitárias contemporâneas.²²

A ideia em torno do “marxismo cultural” não chega a ser uma novidade no repertório da extrema-direita global e nas noções alinhadas com as convicções do bolsonarismo, em particular. No final da terceira década do século passado, Adolf Hitler já havia incluído no glossário extremista discursos e práticas alinhadas com a expressão do “bolchevismo cultural”, com conteúdos muito parecidos com a sua versão contemporânea.²³ Hitler se inspirava em uma vertente conservadora que identificava na produção modernista uma perspectiva de decadência cultural.

¹⁹ KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdeí. *Do Fake ao Fato: des(atualizando) Bolsonaro*. Vitória: Editora Milfontes, 2020.

²⁰ GABATZ, Celso.; ANGELIN, Rosângela. Desvelando as disputas em torno da “ideologia de gênero” na atualidade. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*. Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura (CLAEC), Foz do Iguaçu (PR). Vol. 08, nº 01, jan.-abr., 2022, p. 1-17.

²¹ VILLAZON, Julio Cordóva. Velhas e novas direitas religiosas na América Latina. In: VELASCO e CRUZ, KAYSEL & CODAS. *Direita, volver!* O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

²² LILLA, Mark. *A mente naufragada: sobre o espírito reacionário*. Rio de Janeiro: Record, 2018.

²³ VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha. A 'guerra cultural' neofascista no Brasil: entre o neoliberalismo e o nacional-bolchevismo. *Revista de História*. Universidade Estadual de Goiás. Vol. 10, n. 2, 2021, p. 1-28.



Foi justamente na sua obra seminal – *Minha luta*,²⁴ que Hitler sugeriu a junção entre o socialismo e a arte moderna. Para o ditador nazista, as produções modernistas seriam fruto de “gente degenerada”, de “artistas desvairados” que estariam “consumidos pelas ideias do marxismo”. O corolário nazista era uma mistura de racismo e anticomunismo que repercutia um suposto predomínio das ideias marxistas – produzidas por judeus – responsabilizados pelo declínio da Alemanha.

A concepção nazista de que o progresso na cultura e nas artes consistia em uma tentativa de desgastar os valores tradicionais da sociedade alemã guarda semelhanças com aquela cultivada pelos grupos reacionários na atualidade. A aversão ao desenvolvimento intelectual, uma premissa completamente distorcida a respeito dos acontecimentos históricos e uma concepção normalizadora das desigualdades conformam o imaginário extremista e são forçosamente acopladas na embalagem daquilo que se entabula como “marxismo cultural”. São exemplos que se convertem em uma potente teoria da conspiração que capacita grupos para o desenvolvimento de uma aniquilação simbólica dos que pensam e agem de forma diversa.²⁵

Como já referido anteriormente, no Brasil, as visões retrógradadas que unem a extrema-direita e os fundamentalismos têm um terreno fértil em uma sociedade marcada pelas desigualdades, pelo privilégio e pelas hierarquias. Assim, as ideias que se organizam em torno de uma pretensa “guerra cultural”, combinadas com um caldo histórico de autoritarismo e desequilíbrio de acesso a uma cidadania elementar, têm raízes profundas nos contornos da identidade brasileira. A pesquisadora Lília Schwarcz afirma que a história nacional é marcada pelo autoritarismo, pela violência e por múltiplas contradições socioculturais.

‘O passado nunca foi, o passado continua’ [...]. Mas é esse passado que vira e mexe vem nos assombrar, não como mérito e sim como fantasma perdido, sem rumo certo. O nosso passado escravocrata, o espectro do colonialismo, as estruturas de mandonismo e patriarcalismo, a da corrupção renitente, a discriminação racial, as manifestações de intolerância de gênero, sexo e religião, todos esses elementos juntos tendem a reaparecer, de maneira ainda mais incisiva, sob a forma de novos governos autoritários, os quais, de tempos em tempos, comparecem na cena política brasileira.²⁶

²⁴ HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Editora Moraes, 1983.

²⁵ LIEBEL, Vinícius. Uma fachada pelas costas: paranoia e Teoria da Conspiração entre conservadores no refluxo das Greves de 1917 na Alemanha. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, Vol. 37, n. 76, 2017, p. 45-65.

²⁶ SCHWARCZ, Lília Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p.224.



Assim, a emergência do reacionarismo como uma força política de peso no país está ligada a, pelo menos, dois movimentos: externamente, conectada com o avanço político da extrema-direita pelo mundo; internamente, como uma reação concreta aos avanços democráticos desde o fim da ditadura militar. Com a promulgação da Constituição de 1988, o país passou por mudanças que, embora tímidas para alterar as estruturas históricas, modificaram a lógica do protagonismo nos debates na esfera pública.

As políticas públicas desenvolvidas em alguns setores da educação, cultura e dos direitos humanos mostraram-se sensíveis aos extratos reacionários. Houve uma acolhida da diversidade e das identidades culturais, com uma ação mais proativa junto aos povos indígenas, quilombolas e mulheres. As mudanças facilitaram a organização de uma nova vertente política.²⁷ Ela emergiu de um caldeirão de posições e interesses, aparentemente contraditórios, mas que encontrou na conjuntura as conexões e convergências, levando distintos grupos reacionários para um terreno comum: o bolsonarismo.

Uma elite (em tese liberal) fomentando ideias de negação da política e financiando personagens ligados a projetos antidemocráticos, com o intuito de fustigar as forças progressistas para implementar um programa econômico neoliberal. Uma massa conservadora de classe média capturada e sensibilizada por um discurso de que o sistema político estava corrompido. O crescimento da influência política das igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais, desejosas de incidir no espaço público por meio de certas concepções obscurantistas. Uma corporação militar descontente com a possibilidade de revisão de seus atos praticados durante o regime de exceção. Separados, esses grupos talvez não teriam a possibilidade de conquistar uma maior adesão, mas, unidos, formaram uma coalizão capaz de projetar o avanço de um projeto autoritário.²⁸

Além da conjuntura propícia, houve uma transformação importante na comunicação que deu impulso para a divulgação das ideias desses círculos reacionários. Antes mediados pelos meios de comunicação tradicionais, as posições políticas e as teorias conspiratórias que alimentam a visão de mundo conseguiam uma difusão limitada na cena pública. Através das redes sociais, as ideias reacionárias ganharam uma plataforma que possibilitou o convencimento em massa.

²⁷ MIGUEL, Luis Felipe. *Consenso e conflito na democracia contemporânea*. São Paulo: Unesp, 2017.

²⁸ MATTOS, Marcelo Badaró. *Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil*. São Paulo: Usina Editorial, 2020.



O problema [...] não é a incapacidade de distinguir o verdadeiro do falso [...], mas o pavor suscitado pela possibilidade de perda do mundo, acrescido do aturdimento provocado pela traição dos que se resolveram se refugiar fora dele. Quando o solo comum (tanto no sentido material quanto figurado) se encontra ameaçado, é a condição mesma de possibilidade do político que arriscamos perder; é por isso que [...] se defende que a política da pós-verdade é, na verdade, uma política da pós-política.²⁹

Esta realidade, impulsionada sobretudo no âmbito digital, não chega a ser uma estratégia original. O cientista político Giuliano Da Empoli mostra em seu livro *Os engenheiros do caos* que os discursos da extrema-direita foram difundidos por meio da compreensão apurada de como a comunicação política mudou a partir do advento das redes sociais. Ele mostra como os especialistas em comunicação da extrema-direita usam os algoritmos para melhor formatar seus discursos e, assim, atingir os anseios específicos de cada indivíduo. É um instrumento poderoso de convencimento em massa.

Cada categoria de eleitores recebeu uma mensagem sob medida: para os animalistas, uma mensagem sobre as regulamentações [...] que ameaçam os direitos dos animais; para os caçadores, uma mensagem sobre as regulamentações [...] que, ao contrário, protegem os animais; para os libertaristas, uma mensagem sobre o peso da burocracia [...]; e para os estatistas, uma mensagem sobre os recursos desviados do Estado de bem-estar para a União.³⁰

A estrutura das redes sociais funciona como uma espécie de trampolim para que grupos reacionários disseminem teorias da conspiração que, ao ganhar adeptos, colocam em suspeição certos instrumentos reconhecidos de produção da informação e do conhecimento, como o jornalismo e a ciência. Se, de um lado, as redes sociais fomentam um ideal de democratização das informações e do conhecimento, por outro, elas se encontram presas a um modelo que aprofunda as desigualdades e gera falsas equivalências entre a informação e as mentiras. A difusão de conteúdos falaciosos acerca do “marxismo cultural” e da “ideologia de gênero” é um evidente risco à democracia, mas traz lucros para as plataformas midiáticas.

A perspectiva política implantada na história recente do Brasil reforça um sentido autoritário, pois o debate democrático não comporta a dualidade “amigo-inimigo”. A democracia, conforme a observação de Chantal Mouffe, se organiza em uma lógica adversarial.³¹ A divergência de opiniões e posições é inerente ao jogo democrático, mas o confronto democrático jamais deveria conceber

²⁹ COSTA, Alyne. Aqui quem fala é da Terra. In: LATOUR, Bruno. *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 153.

³⁰ EMPOLI, Giuliano Da. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio, 2020, p. 151.

³¹ MOUFFE, Chantall. *Por um populismo de esquerda*. São Paulo: Autonomia Literária, 2018, p. 13-19.



a destruição física ou simbólica dos adversários. Aliás, é justamente isso que diferencia a luta pela hegemonia política, que se concebe em um campo de imposição das ideias, da visão que pressupõe a eliminação do outro, abrindo caminho para a violência.³²

A Carta Magna, o Supremo Tribunal Federal, as universidades, a educação pública, a cultura, os artistas, a imprensa e até mesmo o poder legislativo são fustigados em uma guerra, cujo fim é a eliminação das diferenças no espaço público. A estratégia busca reduzir a atuação e a complexidade das demais instituições, partidos de esquerda e movimentos sociais, incluídos em uma grande teoria da conspiração, onde cada uma dessas organizações é apresentada como parte de uma articulação para implantar uma “ditadura comunista anticristã” no país.³³

O reacionarismo brasileiro atual tem a ver com a conformação de uma série de aspectos presentes em uma classe média branca, heterossexual e economicamente remediada, que viu seu status social ameaçado pelas políticas de inclusão e cidadania. Esta realidade também é marcada de forma direta por um fundamentalismo religioso que conflui para que tenhamos uma proliferação de ideias que enfatizem o repúdio a temas comportamentais. Trata-se de setores que se encontram com o pensamento reacionário a partir do substrato ideológico que une o moralismo e a desregulamentação econômica.³⁴

Atores conservadores têm estrategicamente tematizado essas disputas em termos identitários, confundindo o que está em jogo. Classificam assim demandas que são fundamentalmente igualitárias, colocando em jogo os limites da democracia e dos direitos humanos. É o caso de políticas afirmativas de gênero e raça, legislação antirracista, anti-homofóbica, direitos reprodutivos e sexuais [...]. A estratégia reativa dos atores conservadores e antidemocráticos tem sido relativamente simples, e, talvez por isso, mobilizadora: afirmam que a realidade é o que é, que “sempre foi assim” e que as demandas por mudanças são estrangeiras em relação aos valores “da maioria”.³⁵

O desprezo pela cultura é o vetor estruturante da política contemporânea. Há um projeto em curso para o apagamento da diversidade e das diferenças em um país multicultural. Isso implica na destruição das políticas públicas desenvolvidas, mas igualmente na reconquista da memória

³² LACLAU, Ernesto. *Emanipação e diferença*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.

³³ DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane. (Org.) *A onda conservadora*: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

³⁴ MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes brasileiros. *Revista Sociedade e Estado*. Vol. 32, N. 3, Set/ Dez, 2017.

³⁵ BIROLI, Flávia. Conflitos em torno do gênero, conservadorismo antidemocrático e suporte popular. In: CUNHA, Christina Vital da.; PAULA, Marilene de. (Org.). *Religião, Democracia e a Extrema Direita*. Heinrich Böll Stiftung: Rio de Janeiro, 2023, p. 22.



olvidada pelas elites.³⁶ Pretende-se reescrever a história nacional, excluindo o povo como protagonista e retomando uma hierarquia dominante e hegemônica. Por isso, a máquina de governo, não raro, age de forma deliberada para exacerbar o apagamento simbólico da diversidade cultural por meio de uma drástica redução financeira, o desmonte institucional e o retorno de políticas de censura e perseguição a quem não segue a lógica governamental.

O objetivo é a destruição das estruturas capazes de desenvolver o pensamento crítico e de propor uma versão alternativa da vida. O fim da “guerra cultural” e a retórica do ódio é o extermínio do outro. É uma técnica de poder, nos termos daquilo que foi esboçado por Michel Foucault,³⁷ com o objetivo de domínio autoritário. Por isso, esta imaginária hegemonia cultural funciona como um mecanismo de desestruturação daquilo que foi sendo consolidado com muito esforço ao longo da nossa história. Nada é construído acima dos escombros. A devastação torna-se um instrumento de poder com fim em si mesmo.

A diversidade é inexorável às democracias modernas e contemporâneas. Embora seja um fato, a diversidade nas democracias é um grande fardo para muitos. Mais do que fardo, é fonte de conflito. Conflitos esses que escapam em muito ao espaço plural de ideias. Ao escapar ao diálogo, ganha a forma de discurso de ódio, de xenofobia, de políticas de exclusão, arena para fundamentalismos, para a extrema direita, como vimos no caso brasileiro. Diferenças ideológicas, sociais, de cultura, de etnicidade, de gênero e de religião, por exemplo, podem conviver desde que os valores democráticos e normas de convívio comum sejam salvaguardadas e estejam bem enraizadas no tecido social.³⁸

Estamos, pois, diante do funcionamento de um embate com o objetivo de promover a aniquilação das subjetividades e colocar à disposição o consumo fácil do ódio. A partir disso, a ação humana é controlada. A ideologia fecha as portas para outro imaginário teórico e prático. Pensar reflexivamente se torna, cada vez mais, um ato de resistência. Se a ideologia, na atual conjuntura, implica uma crença sem um saber, por outro lado, mas como faceta de uma mesma realidade, há uma crença que envolve uma incapacidade de acreditar no que se sabe ou de perceber o óbvio.

³⁶ KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Boitempo, 2020.

³⁷ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade* (1): a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

³⁸ RIOS, Flavia. Como pensar a democracia após um governo de extrema direita? In: CUNHA, Christina Vital da.; PAULA, Marilene de. (Org.). *Religião, Democracia e a Extrema Direita*. Heinrich Böll Stiftung: Rio de Janeiro, 2023, p. 69-70.



Considerações finais

A verdade tende a ser um valor sequestrado pelas ideologias que, no caso brasileiro, supõem a implosão dos preceitos de convivência e sociabilidade. A destruição da verdade dá lugar à desinformação, que se firma como novo paradigma. A informação distorcida, falsificada e ilusória produz um ambiente no qual as pessoas passam a ser submetidas, cognitivamente e emocionalmente, e, desse modo, levadas a agir como massa de manobra. Políticos, meios de comunicação e igrejas vêm produzindo cenas imponentes. São imagens e rituais capazes de tocar as pessoas desprotegidas em certas instâncias subjetivas.

O pensamento crítico é o que se busca erradicar. Não se trata de uma mentira que poderia ser percebida ou que, desmascarada, nos devolveria à verdade. Trata-se de uma modificação do sentido próprio da mentira e da verdade na construção do acordo pelo qual aqueles que estão em desacordo são transformados em inimigos, perseguidos e demonizados. A linguagem do ódio é a que vem caracterizando as alas mais radicais ou extremistas. Ela se utiliza de ferramentas discursivas. Trata-se de uma linguagem cheia de dramaticidade e palavras de efeito. Não raro, são utilizadas sentenças recheadas de palavrões, por meio das quais se postula desqualificar o outro. Esta verbosidade sequestra aquilo que não confirma as próprias convicções radicalizadas. A palavra pode servir para a humilhação pública e a conseqüente desumanização.

A população é levada a seguir uma ideologia com um caráter mais impositivo por meio de processos que envolvem não só os meios de comunicação tradicionais e as redes sociais, mas, igualmente, denominações eclesiais envolvidas por teologias que disseminam ideias preconceituosas, discursos de ódio e a violência religiosa, sobretudo contra associações de matriz indígena e africana. Além disso, o ódio a algumas dessas religiões se coaduna com o ódio às mulheres e às feministas, ao sexo e ao gênero, em um cenário no qual a terminologia “gênero” passou a ser tratada como danosa à convivência humana.

A analogia proposta pelo filósofo Giorgio Agamben³⁹ acerca do tempo e suas fraturas pode iluminar caminhos. Para o autor, a contemporaneidade seria como o céu da noite em sua imensa escuridão; alguns, apenas verão o escuro, outros, entenderão que por trás da escuridão existem milhares de galáxias remotas e em expansão. O pensador italiano nos lembra que contemporâneos

³⁹ AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.



são raros, pois conseguem ver além daquilo que está no horizonte do olhar. Ser contemporâneo é, antes de tudo, ter coragem ao manter os olhos fixos no escuro da época em que se vive e perceber nessa escuridão uma luz que se dirige até nós, ao mesmo tempo em que parece se distanciar de nós mesmos.

A vitória contra o extremismo [...] tem relação com o desafio de combater seu projeto de passado. Oferecendo um projeto de futuro de inclusão, segurança e solidariedade sem ameaçar os valores e as lógicas dos que se sentiram atraídos pela segurança oferecida [...]. Talvez, em outros termos e lógicas, necessitemos refundar a ideia de Brasil como país do futuro.⁴⁰

Referências

- AIRES, José Luciano de Queiroz. “Gramscismo Cultural”: a ideologia neofascista brasileira. *Revista História & Luta de Classes*. Ano 16, Vol. 30, set. 2020, p. 13-29.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AVRITZER, Leonardo. *Política e antipolítica: a crise do governo Bolsonaro*. São Paulo: Todavia, 2020.
- BERGIERMAN, Denis. O que aprendi com Olavo. *Revista Época*. Rio de Janeiro, n. 1.080, 14 mar. 2019. Disponível em: <https://epoca.globo.com/o-que-aprendi-com-olavo-23521309>. Acesso em: 25 jan. 2024.
- BIROLI, Flávia. Conflitos em torno do gênero, conservadorismo antidemocrático e suporte popular. In: CUNHA, Christina Vital da.; PAULA, Marilene de. (Org.). *Religião, Democracia e a Extrema Direita*. Heinrich Böll Stiftung: Rio de Janeiro, 2023, p. 20-25.
- BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. São Paulo: Politéia, 2019.
- COSTA, Alyne. Aqui quem fala é da Terra. In: LATOUR, Bruno. *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- DA SILVA, Wellington Teodoro.; SUGAMOSTO, Alexandre.; ARAUJO, Uriel Irigaray. O Marxismo Cultural no Brasil: Origens e Desdobramentos de uma teoria Conservadora. *Revista Cultura & Religião*. Universidad Arturo Prat, Chile. Vol. XV, Nº 1, 2021, p. 180-222.

⁴⁰ GHERMAN, 2023, p. 64.



- DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane. (Org.) *A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- EMPOLI, Giuliano Da. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio, 2020.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade (1): a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GABATZ, Celso.; ANGELIN, Rosângela. Desvelando as disputas em torno da “ideologia de gênero” na atualidade. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*. Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura (CLAEC), Foz do Iguaçu (PR). Vol. 08, nº 01, jan.-abr., 2022, p. 1-17.
- GHERMAN, Michel. Bolsonarismo e a extrema direita no Brasil: uma reflexão sobre origens e destinos. In: CUNHA, Christina Vital da.; PAULA, Marilene de. (Org.). *Religião, Democracia e a Extrema Direita*. Heinrich Böll Stiftung: Rio de Janeiro, 2023, p. 58-65.
- GIDDENS, Anthony. *Transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.
- HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Editora Moraes, 1983.
- HUNTER, James Davison. *Culture wars: the struggle to define America*. Nova York: Basic books, 1991.
- LACLAU, Ernesto. *Emancipação e diferença*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
- LACLAU, Ernesto. *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- LIEBEL, Vinícius. Uma facada pelas costas: paranoia e Teoria da Conspiração entre conservadores no refluxo das Greves de 1917 na Alemanha. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, Vol. 37, n. 76, 2017, p. 45-71.
- LILLA, Mark. *A mente naufragada: sobre o espírito reacionário*. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei. *Do Fake ao Fato: des(atualizando) Bolsonaro*. Vitória: Editora Milfontes, 2020.
- MATTOS, Marcelo Badaró. *Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil*. São Paulo: Usina Editorial, 2020.
- MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes brasileiros. *Revista Sociedade e Estado*. Vol. 32, N. 3, Set/ Dez, 2017.



- MIGUEL, Luis Felipe. *Consenso e conflito na democracia contemporânea*. São Paulo: Unesp, 2017.
- MOUFFE, Chantall. *Por um populismo de esquerda*. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.
- RIOS, Flavia. Como pensar a democracia após um governo de extrema direita? In: CUNHA, Christina Vital da.; PAULA, Marilene de. (Org.). *Religião, Democracia e a Extrema Direita*. Heinrich Böll Stiftung: Rio de Janeiro, 2023, p. 66-70.
- ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Caminho, 2021.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SOUZA, Jessé. *A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade*. São Paulo: Estação Brasil, 2018.
- TEITELBAUM, Benjamin. *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas: UNICAMP, 2020.
- GARRAIO, Júlia; TOLDY, Teresa. “Ideologia de Gênero”: origem e disseminação de um discurso antifeminista. *Mandrágora*. Vol. 26, n. 1, 2020, p. 129-155.
- VALLE, Vinícius do. Ideologia, perspectivas e as bases do bolsonarismo. *Le Monde Diplomatique*. São Paulo, n. 165, abr. 2021, p. 6-7.
- VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha. A 'guerra cultural' neofascista no Brasil: entre o neoliberalismo e o nacional-bolchevismo. *Revista de História*. Universidade Estadual de Goiás. Vol. 10, n. 2, 2021, p. 1-28.
- VILLAZON, Julio Cordóva. Velhas e novas direitas religiosas na América Latina. In: VELASCO e CRUZ, KAYSEL & CODAS. *Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.